
Ribatejo

Rio Maior

Vila da Marmeleira

Assentiz

Ribeira de São João

São João da Ribeira



João
Seguro

Samina
Alecrim

Desejos Urbanos
(Priscilla Ballarin)

Ribatejo

Rio Maior

Vila da Marmeleira

Assentiz

Ribeira de São João

São João da Ribeira

**João
Seguro**

Samina
Alecrim

Desejos Urbanos
(Priscilla Ballarin)

Ribatejo

Rio Maior

Vila da Marmeleira	18
Assentiz	24
Ribeira de São João	28
São João da Ribeira	34



**João
Seguro**

Samina
Alecrim

Desejos Urbanos
(Priscilla Ballarin)



Imaginemos que vamos a todas as localidades abrangidas pelo Arte Pública fundação *edp* e que pintamos as paredes de branco, desmontamos as instalações dos espaços, apagamos do mapa as obras de arte criadas nas várias povoações intervencionadas de norte a sul do País. Que efeito teria na vida destas pessoas?

O Arte Pública fundação *edp* é um mapa feito de um conjunto de obras de arte concebidas em espaços públicos de pequenas localidades de diversas regiões do País. Um programa desenhado pela fundação *edp* para proporcionar a comunidades rurais um maior contacto com a arte, provocando, simultaneamente, uma reflexão sobre a sua função na sociedade.

Sinais de trânsito transformados em figuras tradicionais como a da mulher de lenço na cabeça? Duas raízes de árvores entrelaçadas, com pernas e braços? Um moinho em cima de um burro? Um homem em cima de um escadote a apanhar estrelas? Obras “bonitas” e “boas para a terra”, como costumam dizer as pessoas destas comunidades, sem se alongarem a extrapolar significados para lá dos significantes que lhes são apresentados. É neste grau zero, é nesta marca de início, que reside a premência do programa Arte Pública fundação *edp*.

O Arte Pública fundação *edp* introduz um contacto concertado por parte das populações com uma ideia contemporânea de cultura visual. Para muitos, o conceito de arte liga-se ainda à noção de artesanato ou a uma ideia de arte-verdade, em que o objeto artístico assume a função de replicação da realidade, numa mimética de embelezamento da mesma, como nos explica o artista plástico Xana, membro do movimento artístico dos anos 80 Homeostética e um dos artistas do projeto Arte Pública fundação *edp* que deixaram a sua marca nas localidades a barlavento e a sotavento do Algarve.

Em cada região, associações e artistas foram desafiados a apresentar propostas de intervenção pública, que iam da pintura à escultura ou à instalação em vídeo e/ou som. Os artistas partiram para o terreno com duas premissas. A primeira foi a de não se colocarem no papel de educador, mas sim de facilitador. O de pôr ferramentas à disposição de modo que as populações pudessem inteirar-se de como funciona todo o processo de criação artística, desde o *brainstorming* à definição de temáticas, ao uso de técnicas, à mão na massa, ao resultado. E a segunda foi a de desmistificar a arte enquanto prática elitista, inacessível. A arte tem, na sua premissa, uma matriz política: a de dar liberdade, a de proporcionar caminho e escolha.

Foram envolvidas as instituições locais para definir quais os espaços públicos disponíveis, a par dos equipamentos da rede da EDP Distribuição, empresa parceira da fundação *edp* neste projeto, a serem intervencionados. E, em cada localidade, a população foi convidada a participar em assembleias comunitárias. As pessoas conheceram os artistas e deram a conhecer-se. Expressaram as suas sugestões de temas a serem tratados em obras, contaram as histórias e as tradições de terra, falaram das atividades económicas predominantes e das figuras de relevo.

Aos artistas coube a tarefa de interiorizar as sugestões e integrarem os temas sugeridos no seu trabalho e na sua linha autoral. Foram feitas maquetes das “obras-que-iriam-ser” que foram depois apresentadas à população.



PP 4 e 5: S/Título (detalhe), Samina e Alecrim, Assentiz, 2016. — P7: Visita guiada, 2016.

Seguiram-se os dias de trabalho, de feitura das obras. Na comunidade, cresce a curiosidade e a proximidade aos artistas. Precisam de alguma coisa? Água? Algo para comer? Momentos de pausa são passados na pastelaria da rua, no convívio com os locais.

O Arte Pública fundação edp é este ponto de encontro no qual se cruzam intencionalidade artística e intencionalidade social. É um programa que promove uma sensação de pertença, que já não se perde, independentemente de a tinta começar a cair, de a chuva vir a desbotar os tons. Neste caso, trata-se de uma sensação de pertença dupla. Este património artístico é das pessoas, da comunidade. Motivo por que são criadas, em cada região, visitas-percurso com guias locais, que são também elas uma forma de elo, de ligação das populações a quem as visita. E fá-las sentir-se não isoladas do mundo, mas parte de uma ideia de contemporaneidade que vive a cultura visual a uma velocidade estonteante. Se por um lado a arte fixa, fixa a identidade de uma povoação, por outro fluidifica-se, permite-se novos usos e abordagens.

Minho

Braga
Crespos e Pousada
Padim da Graça
Merelim (São Paio)
Panoias e
Parada de Tibães
Palmeira

Ribatejo

Rio Maior
Vila da Marmeleira
Assentiz
São João da Ribeira
Ribeira de São João

Médio Tejo

Vila Nova da Barquinha
Atalaia
Praia do Ribatejo
Tancos

Trás-os-Montes

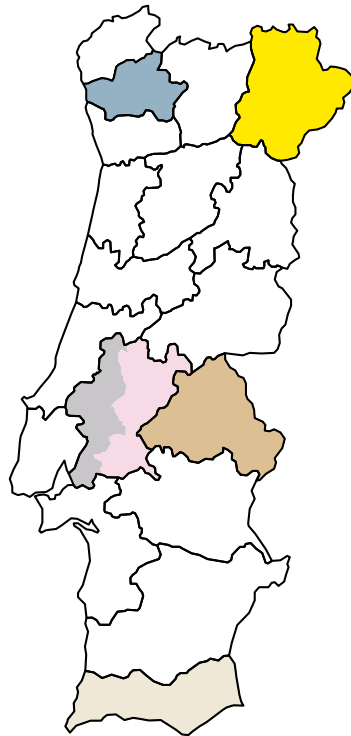
Alfândega da Fé
Torre de Moncorvo
Miranda do Douro
Mogadouro

Alto Alentejo

Campo Maior
Degolados
Ouguela

Algarve

Vila do Bispo
Barão de São João
Mexilhoeira Grande
Figueira
S. Bartolomeu de Messines
Alte
Alportel



Flores (detalhe), Desejos Urbanos (Priscilla Ballarín), Assentiz, 2016.





Vila da Marmeleira

- 1 CÉU ESTRELADO, Priscilla Ballarin, Desejos Urbanos
- 2 S/TÍTULO, Alecrim
- 3 S/TÍTULO, Samina

Assentiz

- 4 FLORES, Priscilla Ballarin, Desejos Urbanos
- 5 S/TÍTULO, Samina e Alecrim

Ribeira de São João

- 6 S/TÍTULO, João Seguro
- 7 CASA, Priscilla Ballarin, Desejos Urbanos
- 8 S/TÍTULO, Alecrim

São João da Ribeira

- 9 MAR, Priscilla Ballarin, Desejos Urbanos
- 10 PACHAMAMA, Alecrim
- 11 BIBLIOTHECA ACEPHALICA, João Seguro

Ribatejo UniArt

Parceiro:

Produções Fixe

Facebook:

ProjetoUniArt

Rio Maior
Localidades:

Vila da Marmeleira
Assentiz
São João da Ribeira
Ribeira de São João

São quatro da tarde e o ritual é o mesmo do da pausa da manhã. Na pequena esplanada do estabelecimento Tijuca, o café central no Largo da República na vila da Marmeleira, Rio Maior, estão sentadas a dona Maria de Lurdes e a dona Heliete, como se estivessem ali desde sempre. É hora do lanche, a tarde está soalheira, e juntam-se Ana Rita Camará e Jo Claeys, acompanhados da filha de 5 anos. Chama-se Lara e come um mil-folhas, com creme de sobra a lambuzar-lhe os dedos, a cara e a cabeça careca do pai. O ritmo de vida nesta vila do distrito de Santarém pauta-se por esta cadência de peque-

nos hábitos que ajudam à organização dos dias.

Ana Rita Camará e Jo Claeys formaram a Produções Fixe há seis anos, uma empresa que visa fomentar a criação de emprego a nível local, através de ações de formação que trabalham noções como cidadania, inclusão social, literacia financeira ou gestão de conflitos. “Somos uma empresa interessada em lucro social”, refere Jo Claeys. São a empresa parceira do projeto Arte Pública fundação edp em Rio Maior, cujo núcleo recebeu o nome de UniArt.



Uma semana de formação de 30 participantes promovida pela Produções Fixe pode envolver mais de 80 locais e ajuda a combater o isolamento a que estas pequenas terras estão votadas. O trabalho de Ana Rita e Jo assenta nesta cultura de proximidade com as pessoas, saber das suas necessidades, capacitá-las em termos profissionais e sociais.

Na pausa a meio da manhã, esteve na esplanada a beber café Joana Martins, de 24 anos, que se encontra à procura de emprego. Ajudou, juntamente com o pai, a montar



Samina, Assentiz, 2016.

o andaime para a intervenção de Alecrim na empena da sede do Grupo de Danças e Cantares de São João da Ribeira. “Trabalhar com artistas é novo para nós”, conta Ana Rita Camará. “Mas o processo de integração é a nossa especialização. Fizemos um total de seis assembleias.” O UniArt estende-se por quatro localidades de duas freguesias: a da União das Freguesias de Marmeleira e Assentiz e a da União das Freguesias de São João da Ribeira e Ribeira de São João. Nas primeiras três assembleias, que decorreram em finais de setembro de 2016, os artistas deram a conhecer-se e recolheram as histórias locais.



Desejos Urbanos (Priscilla Ballarin), Assentiz, 2016.

Nas outras três, em meados do mês seguinte, apresentaram as suas propostas de intervenção. “As primeiras foram muito concorridas”, continua Ana Rita. “As segundas já não tanto.” A vinda de uma equipa de reportagem da SIC ajudou à afluência das primeiras assembleias. “É engraçado a importância que isto ainda tem para as pessoas.”

“A Priscilla Ballarin pegou no Ruy Belo”, poeta que nasceu em São João da Ribeira, conta Ana Varela, uma entusiasta do UniArt. “O Alecrim trabalhou os quatro elementos, a água, a terra, o fogo e o ar. O João Seguro queria abordar a questão da revolta popular associada ao Ribatejo, nomeadamente na Torre Bela

[latifúndio ocupado por uma assembleia popular aquando do período pós-revolucionário do 25 de Abril]. Mas a assembleia não aprovou. E o Samina ocupou-se de retratar pessoas.” Ana Varela é uma hospedeira de bordo reformada, já foi voluntária da Liga Portuguesa Contra o Cancro



e é hoje vice-presidente do Centro Social Paroquial de São João Batista, em São João da Ribeira. “Acompanhei o projeto

desde o início, primeiro com curiosidade e depois com grande entusiasmo. Tudo o que seja trazer cultura – que pode ou não ser compreendida – às povoações, ao povo que não está habituado a ter nada, e que saia dos grandes centros, é sempre benéfico”, argumenta Ana Varela, que é também uma das guias do roteiro UniArt. “Entusiasmou-se a ponto de tirar uma foto a uma das intervenções para colocar numa tela e pendurá-la na parede de fundo da última edição do Tasquinhas de Rio Maior”, acrescenta Ana Rita Camará, referindo-se à intervenção de Priscilla Ballarin na paragem de autocarro na Estrada Nacional 114, em Ribeira de São João.



Flores (detalhe), Desejos Urbanos (Priscilla Ballarin), Assentiz, 2016.

Relação com a comunidade, Desejos Urbanos (Priscilla Ballarin), Assentiz, 2016.



s/ Título (detalhe), Samina e Alecrim, Assentiz, 2016.



Visita guiada, Cabeça Gorda, 2016.

“A Rita propôs-nos o projeto, acedemos logo e ajudámos nas diligências necessárias”, revela Amélia Simão, presidente da União das Freguesias de Marmeleira e Assentiz. “Estávamos com receio, por ser uma coisa nova num meio rural.” Mas conta que as pessoas aderiram logo, sem qualquer medo de que se tratasse de uma intrusão.



“A vila da Marmeleira tem uma arquitetura muito bonita. E nada do que foi feito prejudicou essa arquitetura. Pelo contrário, até a beneficiou”, diz. “As pessoas gostam muito das paragens de autocarro da Priscilla [Ballarin], mas

adoram o mural que está junto ao cemitério. Dá-lhes paz”, refere-se Amélia Simão à intervenção no posto de transformação da EDP Distribuição na Rua do Campo da Bola, em Assentiz.

“Quando, em nome da Produções Fixe, a Rita me apresentou o projeto, a minha primeira resposta foi «siga»”, comenta Leandro Jorge, presidente da União das Freguesias de São João da Ribeira e Ribeira de São João. “Ao falar em arte urbana, pensei tratar-se de *graffiti* e não queria isso para a freguesia, porque acho que não iria resultar”, continua. “Pessoalmente, ainda não compreendi se as pessoas se aperceberam da importância do que aqui foi feito. São efetivamente trabalhos excelentes.” Leandro Jorge conta ainda que já ouviu comentários acerca da perecibilidade das obras como “a arte

é mesmo assim”. “Com a chuva e com o sol, as obras tornaram-se mais interessantes, ganharam outra cor”, acrescenta.

Júlia Sousa, dona do café Tijuca, diz que tem pena que a intervenção de Alecrim num muro particular na Rua Afonso Costa, na Marmeleira, tenha sido feita naquele local, “é muito escondido”. Diz que, quando faz a “volta dos santinhos”, como chama à ronda que faz de carro com o marido pela vila depois de fecharem o café e verificarem se há algum “veículo suspeito”, passa sempre por aquela rua e olha sempre para aquela obra de arte.



Relação com a comunidade, Samina e Alecrim, Assentiz, 2016.

Desejos Urbanos (Priscilla Ballarin), Assentiz, 2016.

João Seguro (1979)



Estudou Pintura na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (FBAUL) e fez depois o mestrado em Artes Plásticas em Londres, no Chelsea College of Arts. Encontra-se a terminar o doutoramento na FBAUL, um projeto teórico-prático, que junta o seu trabalho artístico a uma dissertação acerca do papel do formalismo nas artes visuais no século XX – e de como esse movimento conseguiu sobreviver até aos dias de hoje, apesar de ser uma prática datada e criticada.

Samina (1989)



Vive entre Portugal e o Brasil. Desde cedo, tem contacto com o desenho e a pintura e estreou-se no mundo da *street art* aos 14 anos, em que descobriu a técnica do *stencil*. Fez licenciatura, e mais tarde o mestrado, em Arquitetura, área da qual importou a relevância da geometria na criação artística. Faz, desde 2010, parte de diversos projetos, entre eles o Tour Paris 13 (Paris, França) e o ARTURb (Algarve, Portugal), e já participou em festivais como o St+Art (Deli, Índia), o MURALIZA (Cascais, Portugal) ou o EXTRA WOOL (Covilhã, Portugal), entre outros.

Alecrim (1983)



É *designer* gráfico e fez há um ano e meio o seu primeiro mural. O seu percurso nas artes plásticas e urbanas estava até então sedimentado no trabalho de estúdio – pintura, serigrafia, *T-shirts*, *block print* (técnica semelhante à da gravura, em suporte de madeira). Esteve três meses na Índia (local onde esta técnica é muito usada) e, quando voltou, sentiu necessidade de aplicá-la em suportes maiores. A sua inspiração advém da natureza, lavrando-a com motivos geométricos, texturas e padrões.

Priscilla Ballarin (1978) Desejos Urbanos



Priscilla Ballarin é de São Paulo, Brasil, e está a viver em Lisboa há um ano. O outro elemento do coletivo Desejos Urbanos (2012), do qual faz parte, é Eliza Freire (1980), que continua sediada em São Paulo. O coletivo, que já atuou em diversas cidades do Brasil e da Europa, trabalha a poesia visual através de intervenções urbanas, abordando os conceitos de simples, pequeno e delicado através da relação afetiva do espectador com o espaço urbano. Priscilla Ballarin é técnica em Design Gráfico e licenciada em Artes Plásticas pela Universidade de São Paulo, foi diretora de *design* na produtora Prompt Filmes entre 2006 e 2014 e é fundadora e artista-educadora do *atelier Amar.é.linha* desde 2010.

Visita guiada, foto do coletivo, São João da Ribeira, 2016.



① Céu Estrelado

Autoria:
Priscilla Ballarin,
Desejos Urbanos

É o ponto de encontro de muitas crianças logo pela manhã. É na paragem que todas aguardam pela vinda do autocarro que as levará à escola. É na paragem que Priscilla Ballarin, pela Desejos Urbanos, lhes proporciona um céu. Todo o interior da paragem de autocarros na Avenida José Pereira Caldas está pintado de azul-intenso, sarapintado de pequenas estrelas brancas, que mal se veem. Ao centro, na parede das costas do banco de cimento, pode ler-se “Este céu passará e então/teu riso descerá dos montes pelos rios/até desaguar no nosso coração. Ruy Belo”. O poeta da terra nasceu em São João da Ribeira, e foi este o tema que Priscilla Ballarin trabalhou nas suas intervenções nas paragens de autocarro em Marmeleira, Assentiz, São João da Ribeira e Ribeira de São João, a partir das conversas tidas com as populações aquando das assembleias. Do lado direito do poema, estão desenhados dois meninos

debruçados sobre o céu, a desenhar a giz as pequenas estrelas, a fazerem lembrar o Príncipezinho, de Saint-Exupéry.

“Quando fomos conhecer as quatro vilas, apresentaram-nos muros, paredes, empenas. E eu não trabalho necessariamente com obras em grande formato”, conta Priscilla Ballarin. “Como a ideia era propor um roteiro, pensei: qual o espaço público usado pelos moradores? Como se movem pelas quatro vilas?” E assim chegou ao conceito para as paragens.

“O meu trabalho sou eu e a Eliza Freire, formamos as duas a Desejos Urbanos. O nosso trabalho consiste em irmos para a rua e propormos um novo olhar para um determinado local”, explica a artista. “Propomos uma relação afetiva entre os transeuntes e o espaço.” No caso das paragens, há uma biblioteca em cada uma, um armário pendurado numa das paredes do lado interior, com livros dentro que podem ser levados para casa. “A Marmeleira tem uma das maiores bibliotecas da Península Ibérica, a do Pacheco Pereira. A sua esposa participou na primeira assembleia e referiu que em Lisboa existe um projeto de bibliotecas urbanas que consiste em deixar um livro num banco de jardim para outra pessoa pegar e levar para ler.” Os livros que estão dentro dos

armários-biblioteca das paragens de autocarro foram escolhidos pela população.

Quanto a Ruy Belo, só soube da existência do poeta quando foi à primeira assembleia da UniArt. “Tive um mês para o conhecer. Tenho agora um projeto que pensa sobre isso”, conta Priscilla. “Há vários poemas dele relacionados com o Brasil, cita Oscar Niemeyer [arquiteto brasileiro], gostava de Chico Buarque [músico], usava inclusive os discos dele nas aulas que dava em Madrid.” Dez dias depois da primeira assembleia, houve um dia dedicado à poesia de Ruy Belo no Festival Literário Folio, em Óbidos. Priscilla foi lá, viu um documentário sobre o poeta, conheceu uma investigadora brasileira e foi apresentada à viúva.

O poema que está nesta pagagem na Marmeleira foi escolhido pela mulher de Pacheco Pereira, Teresa. Como pano de fundo, um céu, tal como dissemos no início do texto. “É um céu que escorre por dentro, nasce na paragem e escorre pelo chão. Escolhemos este para a Marmeleira porque há muitos miúdos que utilizam a paragem.”



Céu Estrelado, Desejos Urbanos (Priscilla Ballarin), vila da Marmeleira, 2016.

FREGUESIA Concelho:
VILA DA MARMELEIRA
União das Freguesias de
Marmeleira e Assentiz

Localização:
Av. José Pereira
Caldas

GPS:
Latitude 39.263294
Longitude -8.834406



Céu Estrelado, (detalhe), Desejos Urbanos (Priscilla Ballarin), vila da Marmeleira, 2016.

Gostei de tudo, tanto na Marmeleira como nos arredores. Fui a todas as inaugurações.

Claudio Gomes, 72 anos, reformado.

2

S/Título

Autoria:
Alecrim

“Houve uma situação na qual me lembro de me perguntarem porque é que só usava o preto e o branco, se era uma pessoa triste.” Alecrim refere este episódio com um dos participantes nas assembleias em que artistas e população se deram a conhecer para explicar que, ao querer destacar as formas no seu trabalho, a cor seria uma distração. E que, não, não era uma pessoa triste. Alecrim conta também que algumas pessoas iam já com ideias definidas acerca do que queriam ver abordado nas intervenções artísticas do UniArt – Arte Pública fundação edp: carroças com bois, personalidades da terra, o poeta Ruy Belo, a senhora chamada Maria que cedeu o terreno para se fazer o campo da bola.

Alecrim acabou por pegar na temática dos quatro elementos – o ar, a terra, o fogo e a água – e a escolha destes para cada localidade foi aleatória. “Baseei-me na unificação das quatro terras, daí os quatro elementos. Há uma ligação do Homem com a terra, com a natureza. Achei que fazia

sentido unificar, queria que as quatro terras estivessem conectadas entre elas”, conta Alecrim. “As pessoas aceitaram muito bem. Uma das maiores dificuldades nem foi a aceitação, foi mesmo encontrar paredes.”



Na Marmeleira, para o muro particular situado na Rua Afonso Costa, Alecrim trabalhou o fogo. “O centro expande, o fogo é um elemento com muita força. Quando queimas algo, o que renasce dali renasce com muita força. Representa todos os outros elementos porque contém em si o renascer da vida.” O centro do desenho é um quadrado em vértice, com quadrados mais pequenos dentro, que nos remetem para um olho, um oráculo. E os restantes elementos gráficos da intervenção expandem a partir daí – para a esquerda e para a direita. São todos a preto, sobre o fundo da parede branca, a cor já desbotada que Alecrim não quis que fosse pintada para receber a sua intervenção. Em formato de setas, à esquerda e à direita, como se fosse um sinal de trânsito ambíguo que nos deixa a liberdade de escolher caminhos opostos,



há algumas que viram a tinta ser substituída por cordas de sisal. O uso da corda simboliza a representação da raiz. “Foi a primeira peça em que usei corda, no meu trabalho. A ideia das cordas vem de uma peça que fiz em estúdio, com raízes verdadeiras”, conta Alecrim. “Com a hidroponia [técnica de cultivo de raízes na água], quando se tira a planta da água, as raízes estão muito limpas, além de que as consegues moldar dando-lhes formas gráficas. Comecei a questionar como poderia usar isso na parede e lembrei-me das cordas.”

Formado em Design Gráfico, Alecrim diz ter trazido dessa área a metodologia e a distribuição do peso gráfico numa parede. “O que o design gráfico me deu foi a metodologia, a composição, a redistribuição do peso gráfico numa parede, o uso da cor ou a ausência da mesma.” Alecrim diz ser muitas vezes pressionado. “Vai usar a corda? Quanto tempo durará?” Ao que responde que nada dura para sempre e que o envelhecimento é bonito de se ver. “Os chineses têm um ditado sobre isso: «Old is gold.»”

S/ Título, Alecrim, visita guiada, vila da Marmeleira, 2016.

S/ Título, Alecrim, vila da Marmeleira, 2016.

S/ Título (detalhe), Alecrim, vila da Marmeleira, 2016.

FREGUESIA Concelho:
VILA DA MARMELEIRA
União das Freguesias de
Marmeleira e Assentiz

Localização:
Rua Afonso Costa

GPS:
Latitude 39.261834
Longitude -8.835210



Já vi as obras todas, gosto de todas. Andei inclusive a montar o andaime numa, juntamente com o meu pai. Mas a minha preferida é a do Alecrim aqui na vila da Marmeleira. É a mais criticada por causa da localização, mas é a de que gosto mais.

Joana Martins, 24 anos, à procura de emprego.

3

S/Título

Autoria:
Samina

“No meu caso, as ideias não surgiram muito das conversas que tivemos com a população. As conversas eram mais no sentido de apresentar o nosso trabalho e perceber o que eram aqueles sítios e aquelas pessoas”, começa por contar Samina. A intervenção que o artista com formação em Arquitetura fez a solo para o núcleo UniArt do Arte Pública fundação edp decorreu na parede lateral do posto de transformação (PT) da EDP Distribuição, que fica virada para o parque das merendas na vila da Marmeleira. Do outro lado da estrada, em cima, fica a igreja, colada a um miradouro. A partir do próprio parque das merendas há uma vista deslumbrante que se estende pelas lezírias. “Acabei por ser muito influenciado pelos sítios onde ia desenvolver as propostas.”

Na parede do PT da EDP Distribuição, está pintado o rosto de uma senhora, de lenço na cabeça, também ela a olhar e a perder-se no espanto da natureza que se apresenta à sua frente. “Retratar rostos. O meu

trabalho passa um bocadinho por aí. Interessa-me retratar expressões físicas e emocionais das pessoas”, explica Samina. Quando fez a pesquisa de quem poderia pintar, a primeira abordagem foi a um senhor da vila que recusou ser retratado. “Ele considerou que não era merecedor de tal homenagem e não quis forçar a situação. Comecei à procura de outro tipo de expressões. Em vez da homenagem, passei a procurar a expressão que representava aquele local”, continua Samina. “Felizmente, encontrei a imagem que encaixava muito bem naquele sítio. Tem um olhar dirigido ao horizonte, é uma pessoa de um meio rural, trabalhou no campo a vida inteira.”

Procurou imagens na Internet, fez muitas vezes pesquisa junto do trabalho de fotógrafos que conhece, outras vezes faz buscas aleatórias e tenta depois perceber de onde vêm as fotos. “Neste caso, é difícil explicar como consegui, lembro-me de que estive bastante tempo à procura. Umhas imagens levam às outras.”

O olhar da senhora idosa, que trabalhou no campo a vida inteira, tem um valor simbólico. “É também o olhar para a frente, seguir em frente na vida. O que é a Marmeleira, o que vai ser a Marmeleira”, projeta Samina. “O facto de as pessoas aparecerem nas



S/ Título, Samina, vila da Marmeleira, 2016.

assembleias e voltarem a importar-se com o que vai acontecer ali fez com que a pintura acabasse por funcionar muito bem. E também durante o processo de pintura, sinto-me muito atraído. Nas cidades, a interação existe, mas é mais rápida e mexida, porque há muitos estímulos à volta. Numa intervenção como esta, o contacto é mais afetivo.”

Por causa da chuva, a execução da obra teve de ser célere. A técnica usada é a do *stencil*, desenha o retrato em cima da fotografia. “Eu trabalho com duas camadas de *stencil*, uma branca, para a luz, outra a preto, para a sombra. Depois, imprimo o desenho à escala, em folhas A0.” Para esta obra no PT do parque das merendas na Marmeleira, levou 22 A0, 11 para a camada de tinta branca e outras 11 para a preta. São quatro metros de parede de rosto de senhora a olhar para o horizonte, cada ruga na pele com muitas histórias para contar.



S/ Título, Samina, vila da Marmeleira, 2016.

FREGUESIA Concelho:
VILA DA MARMELEIRA
União das Freguesias de
Marmeleira e Assentiz

Localização:
Parque das merendas
ao lavadouro,
Rua António José
de Almeida

GPS:
Latitude 39.264197
Longitude -8.835304



S/ Título, Samina, vila da Marmeleira, 2016.

Gostei, está bonito. É a cara de uma velha, é conhecida cá. A gente chamava-lhe a Ereira. Ela assava castanhas e pevides e vendia-as ali na praça.

Maria de Lurdes da Silva, 84 anos, reformada.

4

Flores

Autoria:

Priscilla Ballarin,
Desejos Urbanos

O valor do vento. Este é o título do poema de Ruy Belo escolhido por Priscilla Ballarin para versar o tema que escolheu para intervir na paragem de autocarro em Assentiz: as flores. O interior da paragem é de um verde-amarelado, luminoso, e a parede que serve de costas ao assento que as pessoas podem usar enquanto esperam pelo autocarro tem pintada uma grande bola rosa-bebé, com uma menina desenhada lá dentro. Ela aponta para cima, as bochechas sorridentes. Seguimos o olhar dela com o nosso e deparamo-nos com um mar de flores penduradas no teto, umas amarelas, outras vermelhas, outras rosa e outras ainda azuis.

“Foi um processo de risco”, explica Priscilla Ballarin. “Descobri como fixar as flores, nunca o tinha feito antes.” As flores foram feitas pela sogra de Priscilla e a artista usou fita-cola, papel e três tipos de colas para agarrar as flores ao cimento. “Durante o processo, tivemos várias opções, como utilizar rede

de galinheiro ou furar o teto. Acabámos por colar. A rede de galinheiro iria ficar visível e não seria esteticamente a melhor opção.”

Ao lado da grande bola rosa com a menina, que ocupa a parede de alto a baixo, há uma bola amarela, mais pequenina, com um passarinho dentro. O passarinho está de olhos fechados como que a deleitar-se a ouvir a declamação – por alguém que não vemos – do poema que se encontra escrito na parede: “O vento é o melhor veículo que conheço/só ele traz o perfume das flores, só ele traz/a música que jaz à beira-mar em agosto.”



“A ideia das flores e da primavera veio de uma praça ali muito perto. É uma praça central em que há muitas flores, bem cuidadas. Parecia não ser muito usada”, refere Priscilla Ballarin.

Na parede lateral direita, está o armário com os livros dentro, a pequena biblioteca do espaço, onde qualquer um pode tirar um livro e levar para ler. Entre eles, um livro do Snoopy em inglês, *You've Come a Long Way, Snoopy*, de Charles Schulz. Por cima do armário de ma-

deira, no canto superior direito, está a escultura de um passarinho. Foi enviado de São Paulo por Eliza Freire, que faz dupla com Priscilla Ballarin na Desejos Urbanos.

“A ideia era proporcionar um espaço de imersão. Entramos e estamos num outro mundo”, refere a artista acerca do conceito envolvido nas suas quatro intervenções em paragens de autocarro. Enquanto trabalhava na de Assentiz, houve uma senhora que foi levar-lhe bolo, uma outra que lhe emprestou uma vassoura e um menino que morava na rua da paragem ficou a fazer-lhe companhia até ao final da tarde. E era muito curioso: queria saber o que era isso de ser artista, se era preciso estudar.

O lado exterior das paredes laterais desta paragem são trabalhadas, a superfície rosa decorada com uma espécie de caixilho a branco. A rua, a do Arneiro, é ladeada por vivendas na sua maioria de arquitetura dos anos 80, algumas recuperaram o traçado tradicional português. O silêncio remata a solenidade do ritmo da vida desta aldeia.



Flores, Desejos Urbanos
(Priscilla Ballarin), Assentiz, 2016.

Flores (detalhe), Desejos Urbanos
(Priscilla Ballarin), Assentiz, 2016.

FREGUESIA Concelho:

ASSENTIZ
União das Freguesias de
Marmeleira e Assentiz

Localização:

Rua do Arneiro

GPS:

Latitude 39.256511
Longitude -8.861536



Flores, Desejos Urbanos (Priscilla Ballarin), Assentiz, 2016.

Ficou muito melhor agora. Tem outra imagem. As pessoas sempre que passam param. Em vez de ser cinzento, tem imagem, tem livros para lermos. Está engraçado.
Ana Sousa, 22 anos, estudante.

5

S/Título

Autoria:
Samina e Alecrim

“Da minha parte, o processo foi uma vez mais o de perceber aquele local”, diz Samina acerca da intervenção que fez a meias com Alecrim no posto de transformação (PT) da EDP Distribuição na Rua do Campo da Bola, em Assentiz. “O PT é ao lado de um cemitério. As únicas coisas que existem naquele perímetro são o cemitério e, mais à frente, algumas casas.” É um local de passagem. “Quando falei com o Nuno, ele estava a trabalhar os quatro elementos. E tinha mais ou menos determinado que Assentiz ficaria com o elemento do ar. O que fazia sentido, dada a proximidade do cemitério. Na verdade, a parede é sempre referida como a do cemitério.”

Samina refere que à ideia de cemitério costuma ser associada uma carga negativa, por causa dos entes queridos que já partiram. “Não nos traz boas memórias”, continua Samina. “Mas pode ser um local de encontro com a memória de alguém que fez parte da nossa vida, pode traduzir-se numa memória muito mais positiva do que normalmente

se tem. O ar, a leveza, faziam sentido ali.”

Foi o primeiro trabalho que Alecrim fez em parceria. “Foi fantástico. O *timing* foi bastante apertado, começámos às onze, acabámos às oito da noite. Tinham de montar e desmontar os andaimes para voltar a ligar o PT”, conta Alecrim. “Foi excepcional porque nem eu nem o Samina estávamos conscientes de que conseguiríamos acabar a peça. Almoçámos em cinco minutos, estávamos ainda a acabar a obra com partes do andaime a serem já desmontadas.”



A parte trabalhada por Samina são os dois rostos, uma mesma pessoa replicada duas vezes – de olhos fechados. À semelhança do rosto da senhora retratada no parque das merendas na Marmeleira, também estes rostos estão mapeados pela vida, rugas e rugas a percorrerem cada centímetro daquela cara, refletida duas vezes. Os rostos estão pintados a preto e branco, os motivos geométricos feitos por Alecrim, que se alastram para a parede

lateral do PT, também. “O Samina vai dizer-te que os olhos fechados daqueles rostos representam e transmitem calma. Eu, que a minha composição de triângulos significa os sentidos da vida, das várias direções que pode tomar”, revela Alecrim.

Se nos encostarmos à parede durante uma tarde em que o Sol ainda vai alto e olharmos para cima, para os rostos, estes reduzem-se a uma cordilheira de montanhas vistas de cima, tal é a intensidade da luz que incide sobre o desenho. “Por mim, passava muito por uma pessoa que tivesse os olhos fechados”, confere Samina. “Fui procurar uma expressão – estava à partida com uma ideia muito clara na cabeça – de alguém que estivesse com um semblante de meditação. E queria que fosse ambíguo.”

Um dos traços fortes no retrato dos rostos trabalhados por Samina é o olhar, que impele a uma conexão mais profunda com quem olha para as suas obras. “Essa conexão não queria que fosse tão direta, queria que fosse uma coisa mais espiritual, como se aquela pessoa estivesse a comunicar espiritualmente com alguém ou a recordar alguma coisa. A ideia era um bocadinho desmistificar aquele peso. Em vez de se chorar o que se perdeu, recuperar a memória.”

S/ Título, Samina e Alecrim,
Assentiz, 2016.

S/ Título, Samina e Alecrim, Assentiz, 2016.

FREGUESIA Concelho:
ASSENTIZ
União das Freguesias de
Marmeleira e Assentiz

Localização:
Rua do Campo da Bola

GPS:
Latitude 39.252276
Longitude -8.863622



As pessoas adoram a intervenção do cemitério. Dizem que, quando vão ao cemitério, ela lhes transmite uma sensação de serenidade.

Amélia Simão, 57 anos, presidente da União das Freguesias de Marmeleira e Assentiz.

6

S/Título

Autoria:
João Seguro

A treze quilómetros da Marmeleira pela estrada de Assentiz, há uma terra chamada Manique do Intendente. É onde fica situado o latifúndio Torre Bela, que foi ocupado por um grupo de trabalhadores quando da revolução do 25 de Abril, para ser gerido enquanto cooperativa. Foi inclusive feito, na altura, um documentário pelo alemão Thomas Harlan e, em 2012, um segundo chamado *Linha Vermelha*, da autoria de José Filipe Costa. João Seguro sente que a história desta tentativa de autogestão agrária está ainda muito presente na vida destas terras ribatejanas. “É curioso. O Ribatejo é um dos sítios mais conservadores e foi também onde, durante o PREC [Processo Revolucionário em Curso, pós-25 de Abril], houve das coisas mais revolucionárias”, conta o artista. “Sentes que estás num mundo onde houve uma série de cruzamentos que nunca se chegaram a efetivar.”

As cinco bolas – uma amarela, uma preta que quase não se vê, uma verde, uma vermelha e outra azul-escura – pintadas

na parede de um conjunto de edifícios – que já foram um centro comunitário e se encontram em ruína – são uma estilização das formas por excelência que eram utilizadas para comunicar nos tempos de conturbação política no pós-25 de Abril e nos anos 80: o mural, de cariz panfletário. “A peça das bolas surge precisamente por isso: de que forma é que posso fazer uma intervenção numa parede, sem me afastar do que é próximo do meu trabalho, mas sem comprometer a ligação ao passado político deste sítio?”, perspectiva João Seguro. “Se viajares pelo Ribatejo, encontras ainda muitos murais – tanto à esquerda como à direita partidárias – dos anos 70 e 80. Este era um centro comunitário no qual as pessoas não se entenderam e acabou por ser abandonado.” João Seguro conta que as pessoas sentem ainda um carinho pelo centro, pelo que conseguiu fazer-se naquele espaço.

“Decidi fazer um símbolo político naquela parede”, situada na aldeia da Cabeça Gorda. “Daqui a uns anos esse símbolo vai estar gasto. Tal como este espaço, que teve um fim.” As cinco bolas assumem-se como uma marca, uma memória do que chegou a acontecer. “É um protesto mudo, uma vez que não há o recurso à palavra enquanto mensagem política”,

acrescenta João Seguro. “Não concebo uma arte que não seja para abrir consciências.”

O centro comunitário apresenta hoje uma solidão própria da sua condição de ruína. O espaço tem um edifício de apenas uma altura do lado esquerdo e outro do lado direito e, pelo meio, há um vasto terreno, árido, a fazer de praça central. A entrada para o espaço faz-se por um portão, que tem umas arcadas toscas feitas de cimento a servirem de anfitriãs.



S/ Título, João Seguro, visita guiada, Cabeça Gorda, 2016.

As cores das bolas, cuja tinta começa já a soltar-se em pequenos pedaços – como provocações –, estão a começar a ficar desbotadas, vítimas das condições do tempo, o que, pelo facto de serem todos tons escuros, carregados, dota aqueles círculos de um contraste ainda mais forte. Como se a tensão fosse uma coisa natural, inerente, às coisas.



S/ Título, João Seguro, visita guiada, Cabeça Gorda, 2016.

FREGUESIA Concelho:
RIBEIRA DE S. JOÃO
União das Freguesias
de S. João da Ribeira
e Ribeira de S. João

Localização:
Rua 1º Dezembro,
Cabeça Gorda

GPS:
Latitude 39.280895
Longitude -8.863128



S/ Título, João Seguro, visita guiada, Cabeça Gorda, 2016.

Vi de passagem. Acho que está engraçado. Desperta a atenção das pessoas que passam.

Armando Ferreira, 56 anos, empresário na área da restauração.

7

Casa

Autoria:

Priscilla Ballarin,
Desejos Urbanos

Estamos do outro lado da estrada, a Nacional 114, e é como se fosse uma janela. Uma janela para dentro de uma casa. O interior dessa casa é vermelho e tem uma senhora de costas a pendurar uma toalha num fio, à altura da cabeça. Nesse fio, estão também pendurados uma colher e um garfo, um jarro, uma concha, uma pega ou uma pequena casa. Ao lado, um poema em grande plano que versa assim: “Só as casas explicam que exista/uma palavra como intimidade/sem as casas não haveria ruas/as ruas onde passamos pelos outros/mas passamos principalmente por nós.” Assinado: Ruy Belo. Como refere o poema, é como se nos olhássemos ao espelho e abrísssemos uma janela para a ambiguidade: a de quem vê e a de quem é visto, o dentro e o fora.

“São João da Ribeira foi onde Ruy Belo nasceu. Fomos visitar a casa, que está fechada e precisa de uma remodelação. Uma das ideias era fazer uma intervenção coletiva no edifício, mas acabou

por não ir avante”, refere Priscilla Ballarin. “Fiquei com a história da casa na cabeça. Ela fica num terreno com desníveis. Como não pude trabalhar na casa, trabalhei na ideia de casa. Esta paragem fala de tu estares dentro e fora, de veres as ruas pelas janelas. As casas só existem porque existem ruas.”

O desenho da mulher a pendurar a toalha foi feito pela outra artista da dupla Desejos Urbanos, que vive em São Paulo. Eliza Freire fez o desenho, enviou-o a Priscilla, que o imprimiu e colou-o. Há também alguns espelhos colados pela parede, para acentuar a ideia de reflexo e de janela. Priscilla escolheu o vermelho-laranja porque era uma cor quente, que associamos à ideia de lar. No chão da paragem, estão decalcados motivos de tom laranja e azul semelhantes aos dos azulejos hidráulicos, para reforçar esse conceito de casa – portuguesa.



Na parede interior lateral, à direita, está também o pequeno armário que serve de biblioteca aos utilizadores da paragem – para lerem um livro enquanto esperam pelo autocarro que

os leva à cidade, a Rio Maior, ou então para o levarem e lerem em casa. Entre eles, está *Os 4 Ases e o Rali Olímpico*. Dentro do armário, no canto superior esquerdo, está colado um pequeno jarro de cerâmica, que veio de São Paulo, enviado por Eliza. A vinda destes pequenos objetos, que existem também nas outras paragens, foi uma forma de estabelecer uma ponte entre os dois países e encurtar a distância do trabalho das duas artistas. Foi uma forma de Eliza Freire se tornar presente durante o processo.

Ana Varela, uma filantropa da zona que é também a vice-presidente do Centro Social Paroquial de São João Batista, em São João da Ribeira, gostou tanto da imagem desta intervenção que tirou fotografias ao desenho e mandou imprimir uma numa tela. O uso? Serviu de elemento decorativo no Tasquinhas 2017, um evento gastronómico anual organizado em Rio Maior. “Fiquei completamente apaixonada por esta intervenção e por este projeto. Entrosámos logo”, diz Ana Varela. “Este projeto tem de ser falado.”



FREGUESIA Concelho:
RIBEIRA DE S. JOÃO
União das Freguesias
de S. João da Ribeira
e Ribeira de S. João

Localização:
**Estrada Nacional 114,
17**

GPS:
**Latitude 39.284955
Longitude -8.888903**



São, efetivamente, trabalhos excelentes. Pessoalmente, gosto muito, muito, das intervenções nas paragens de autocarro.

Leandro Jorge, 33 anos, presidente da União das Freguesias de S. João da Ribeira e Ribeira de S. João.

Casa, Desejos Urbanos (Priscilla Ballarin), Ribeira de São João, 2016.

Casa, Desejos Urbanos (Priscilla Ballarin), Ribeira de São João, 2016.

Casa, Desejos Urbanos (Priscilla Ballarin), Ribeira de São João, 2016.

8

S/Título

Autoria:
Alecrim

Ao lado, há uma fonte com uma roldana através da qual se puxava a água para a superfície. Está ali para nos lembrar de que a água é um bem precioso, que nem sempre esteve à mão da abertura de uma torneira e que em tempos idos era necessário ir até a uma fonte ou a um poço e carregá-la até casa através do uso de vasilhame. É essa homenagem que Alecrim presta ao elemento da água – para o UniArt retratou os quatro elementos da Terra – ao fazer uma intervenção no Largo Luís Calado Vicente, colocando um pote de barro mesmo ao lado da fonte, em Ribeira de São João.

“A ideia do pote vem do facto de eu querer sair da minha zona de conforto, da pintura em mural”, conta Alecrim. “Lembrei-me do pote. Hoje usa-se muito para decoração, mas antigamente era utilizado para guardar produtos alimentícios e também água. Através de potes mais pequenos, as mulheres levavam água aos homens nos campos, eram as chamadas aguadeiras”, explica. “A conexão é mesmo essa, a for-

ma como se transportava a água antigamente. Por outro lado, cerca de 60 por cento do nosso corpo é água. A água é fundamental para a vida.”



A praça é silenciosa, as personagens que a habitam além da fonte e da intervenção de Alecrim são árvores, espaçadas entre si, e alguns bancos de jardim. À esquerda, está o Centro Cívico de Ribeira de São João. Um salgueiro, imponente, encontra-se na outra ponta do largo. “Não conhecia nem Ribeira de São João nem as outras três terras, Marmeleira, Assentiz e São João da Ribeira”, contextualiza Alecrim. “Sou ribatejano, sou de Alverca. Não é um meio rural tão profundo, mas tenho em muita conta esses meios agrícolas. Gosto bastante. Gosto da ligação à terra, do facto de serem zonas onde impera a calma e de as pessoas serem deveras afáveis.”

O pote, que afunila na base, está encaixado numa estrutura metálica e tem a forma de um foguetão, preso pelo eixo antes de ser lançado ao espaço. Também aqui

as cores são o preto e o branco, traço comum no trabalho de Alecrim. A parte de baixo está pintada a negro, com folhas sobrepostas a branco, que sugerem a técnica do *stencil*, muito utilizada pelo artista. Os dois terços superiores do pote estão pintados de branco e ornamentados por figuras geométricas pretas. “A geometria não sei bem explicar, essas linhas vêm mais dos padrões que desenvolvi. Uso muito a forma do losango, passa a ideia de expansão. Como quando atiras uma pedra a um charco e vês as ondas que se formam.”



Visto de longe, o pote parece uma figura que se move, como se fosse o robô R2-D2 da saga *Star Wars*. A base preta, a parte superior branca e os motivos geométricos conferem-lhe uma roupagem e expressividade humanizadas e às pernas da estrutura metálica que o suporta só lhes faltam umas rodinhas para lhes permitirem vaguear pelas pedras da calçada. Sem ir muito longe.

S/ Título, Alecrim, visita guiada, Ribeira de São João, 2016.

S/ Título, Alecrim, visita guiada, Ribeira de São João, 2016.

S/ Título, Alecrim, Ribeira de São João, 2016.

FREGUESIA Concelho:
RIBEIRA DE S. JOÃO
União das Freguesias
de S. João da Ribeira
e Ribeira de S. João

Localização:
Largo Luís Calado
Vicente

GPS:
Latitude 39.287450
Longitude -8.886443



Acho que está engraçado. Desperta a atenção das pessoas que passam. Há dias fui à Marmeleira e também está engraçado.

Armando Ferreira, 56 anos, empresário na área da restauração.

9

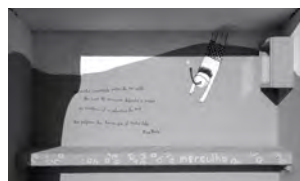
Mar

Autoria:

Priscilla Ballarin,
Desejos Urbanos

Tinham colado um panfleto no interior da paragem de autocarro que Priscilla Ballarin interveccionou em nome da Desejos Urbanos em São João da Ribeira. E arte pública é também isso – acrescentar, deformar, retirar. Dar e tirar, dotando as obras de novas camadas de leitura. Foi por isso também inerente à existência desta obra de arte o ato de Jo Claeys, da Produções Fixe – empresa organizadora do UniArt –, em retirar, com cuidado para não deixar restos de papel, o dito panfleto. Ficaram as marcas das pontas. Na dobra entre a parede e o teto da paragem, está alojado um caracol, que parece ter feito lá casa. À semelhança da paragem de autocarro da vila da Marmeleira, a paragem de São João da Ribeira é também pintada de azul, mas um azul mais claro, um azul de mar. “Neste processo, fiquei a saber que Ruy Belo tinha uma relação com o mar muito forte”, conta Priscilla Ballarin. “Ele mergulhava e ficava muito tempo dentro do oceano.

Gostava de ir para a praia e de ficar muitas horas a olhar para o mar. Tinha uma relação com o mar muito presente.” O poeta da terra, como lhe chamam, Ruy Belo, foi representado em todas as paragens intervencionadas pela Desejos Urbanos através da escolha de um poema diferente para cada uma. O que está escrito nesta paragem reza assim: “Na minha juventude antes de ter saído/ da casa de meus pais disposto a viajar/eu conhecia já o rebentar do mar/ das páginas dos livros que já tinha lido.”



Olhando de longe, com a Estrada Nacional 114 a passar à frente, percebemos que o mar está pintado em forma de dança, uma onda enorme é desfrutada por um menino que mergulha, de óculos de *snorkeling* postos. Em cima da onda, está desenhado um barquinho de papel. Há também uns pequenos peixes, feitos de *papier-mâché*, por baixo de um pequeno armário na parede lateral, que foram enviados de São Paulo pela outra artista da Desejos Urbanos, a Eliza Freire. “A criança a mergulhar tem que ver com o nosso trabalho. As crianças são uma forma de

estabelecer uma relação mais delicada com o espaço. Somos artistas-educadoras, fazemos ilustração para livros infantis, fazemos muitos cursos e *workshops* para crianças.”

A escorrer do banco e a espalhar-se pelo chão da paragem está um conjunto de palavras escolhidas por Priscilla Ballarin, como se fosse uma enorme sopa de letras, e que tem que ver com o universo do mar: maré, espuma, imensidão, gota, peixe, rochedo, embarcações, afundar, ir, frio.

O pequeno armário na parede lateral direita, feito de madeira e pintado igualmente de azul, é também aqui uma pequena biblioteca pública, onde as pessoas podem levar – mas também trazer – os livros que se encontram lá dentro. A ideia de troca e de circulação de um bem maior como é a arte é transversal a todas as paragens intervencionadas pela Desejos Urbanos. Na lombada da parede lateral da direita, pode ler-se também um poema, mas este escrito por uma adolescente apaixonada: “The king of/ my life the/beautiful boy./ forever you in my heart.../ Love you boy”. E assim ficou completada a obra.



Mar, Desejos Urbanos (Priscilla Ballarin), São João da Ribeira, 2016.

Mar, Desejos Urbanos (Priscilla Ballarin), São João da Ribeira, 2016.

FREGUESIA Concelho:
S. JOÃO DA RIBEIRA
União das Freguesias
de S. João da Ribeira
e Ribeira de S. João

Localização:
Estrada Nacional 114,
83A

GPS:
Latitude 39.279670
Longitude -8.845806



Mar (detalhe), Desejos Urbanos (Priscilla Ballarin), São João da Ribeira, 2016.

Gostei. É uma coisa diferente. Vivo em Santarém, lá não há muito disto. Anima um bocadinho, nas paragens [de autocarro] nota-se muito a diferença.

Cláudia Ferreira, 27 anos, empregada de mesa.

10

Pachamama

Autoria:
Alecrim

Da língua quíchua *pacha*, que significa universo, tempo e lugar, e *mama*, mãe, Pachamama é a divindade suprema dos Andes. “Simboliza a terra-mãe. A nível mundial, todas as culturas têm esta figura da mãe natureza”, explica Alecrim.

Em estúdio, Alecrim tinha usado a técnica da hidroponia [cultivo em água] para manipular a forma das raízes das plantas que, tendo estado em contacto apenas com água, se encontram limpas e são mais fáceis de manusear. O uso das cordas nas intervenções do UniArt, em concreto nesta na empena da sede do Grupo de Danças e Cantares de São João da Ribeira e na da vila da Marmeleira, surgiu-lhe a partir dessa experiência. Fez uma apropriação do conceito com cordas de sisal. As cordas são fixas com camarões, atarraxados a buchas.

O elemento do universo aqui retratado é, como já deu para perceber, o da terra. Um conjunto de quadrados, uns dentro dos outros como bonecas

matrioskas e de vértice apontado ao alto, é feito do entrelaçamento das cordas de sisal, presas na parede. Esse conjunto de quadrados serve aqui de recipiente, de delimitação: dentro deles está um sem-número de folhas, pretas, que pingam uma a uma do vértice inferior dos quadrados. Como se fosse um ato de singela liberdade, a conta-gotas, uma a uma as folhas vão-se libertando da clausura.

Ao longe, o efeito pode ser outro. E, tendo em conta que a sede do Grupo de Danças e Cantares de São João da Ribeira foi outrora a antiga escola primária da terra, não podia ser mais apropriado: parece um papagaio; um papagaio estilizado, mas um papagaio.

Seja qual for a interpretação despertada, esta intervenção de Alecrim indicia sempre uma ideia de movimento, ou não fosse o edifício a sede de um grupo de danças e cantares. O terreno que pertence ao imóvel está delimitado por grades, a terra é árida e as ervas, secas, já a anunciar o verão quente que se faz sentir nestes territórios no interior do País – e têm a mesma cor que as cordas



de sisal, conferindo uma ligação direta da parede à terra.

Para o seu trabalho, Alecrim inspira-se muito na natureza e a sua formação em Design Gráfico confere-lhe um caráter minimalista e geométrico, em termos de padrões e texturas. O uso do preto e do branco, como tonalidades mais neutras que realçam as formas, acentuam o lado mais primitivo e elementar que Alecrim quer conferir às suas obras.

Observando a obra de frente do lado de fora do gradeamento, alto, metalizado, pintado de verde-escuro, há uma árvore que se interpõe no campo de visualização do espectador – um mediador, imponente, entre a obra e o observador da obra. A árvore é quase da altura do edifício, está podada de tal maneira que a ramificação do tronco em três lhe dá o aspeto de uma pequena cabeça e dois braços compridos, abertos. Esta figura pode abraçar qualquer pessoa da forma que a sua mente e crenças o permitirem: uma divindade – Pachamama, Cristo – materializada na natureza, a natureza humanizada numa figura terrena.

Pachamama, Alecrim, visita guiada, São João da Ribeira, 2016.

Pachamama (detalhe), Alecrim, São João da Ribeira, 2016.

FREGUESIA Concelho:
S. JOÃO DA RIBEIRA
União das Freguesias
de S. João da Ribeira
e Ribeira de S. João

Localização:
**Grupo de Danças
e Cantares de S. João
da Ribeira / Antiga
escola primária**

GPS:
**Latitude 39.281133
Longitude -8.851558**



Quem nos dera ter dinheiro para pintar o resto das paredes. Se encarmos as folhas como folhas de oliveira, tem que ver com o nosso grupo.

Alfredo Oliveira, 50 anos, Grupo de Danças e Cantares de S. João da Ribeira.

Pachamama, Alecrim, São João da Ribeira, 2016.

11

Bibliotheca Acephalica

Autoria:
João Seguro

Há um pormenor que torna magnífica a essência da obra *Bibliotheca Acephalica*, da autoria de João Seguro, que se encontra no Centro Social Paroquial de São João Batista, em São João da Ribeira. Trata-se, na verdade, do pormenor de uma ação. Quando Ana Rita Camará chegou junto à obra, o seu impulso, mecânico, foi o de começar a endireitar as prateleiras da obra que com o passar do tempo começaram a descair. Trata-se de prateleiras, que, fazendo parte de uma estrutura que se nomina por biblioteca, estão a descair – os livros, se colocados em cima, não se sustêm. Caem.

“Quería uma biblioteca no espaço público que tivesse um outro caráter”, explica João Seguro. A estrutura, vista de cima, forma uma cruz, como se dois conjuntos de prateleiras se inter-cetassem e do ponto de cruzamento se esperasse o muito e acabasse por surgir senão o nada. Aquando da inauguração,

as prateleiras – as que são abertas, porque há outras que são fechadas, inacessíveis – foram preenchidas com livros. “Ela é em cruz, sim. Há um lado com um espaço aberto para pôr livros e há outro com o espaço fechado”, acrescenta João Seguro. “O Ribatejo tem esse ambiente de manifestações culturais extremas. Interessava-me esses dois lados da mesma moeda.”

Em 2006, João Seguro deu aulas no Instituto Politécnico de Tomar. E optava por conduzir pela estrada nacional, cuja paisagem diz ser muito bonita. “Há 20 ou 30 anos que não se passa nada ali. Vês fábricas enormes abandonadas. Nos anos oitenta, a indústria decaiu”, descreve. “Passas por sítios que o Alves Redol descreveu no livro *Barranco de Cegos*. Casas que são palafitas. A parte de baixo no inverno inundava e, no verão, servia para guardar cereais. A análise social do Ribatejo continua a ser tudo aquilo, sendo que já teve a possibilidade de ser outras coisas e não foi.”

A João Seguro interessou-lhe trabalhar com um material que tivesse esse caráter ambíguo; no caso, semidefinitivo. “Fiz a biblioteca utilizando madeira usada para fazer cofragens, para betão.” Todo o fabrico da “biblioteca acefálica” foi feito localmente, de forma a dinamizar a indústria da zona.



Bibliotheca Acephalica
(detalhe), João Seguro,
São João da Ribeira, 2016.

“A ideia de construir neste material é enfatizar o caráter efémero da obra. E é um objeto com um *design* quase animal, com preceitos de montagem à IKEA. Interessava-me que, se a comunidade não der uso à peça, ela acabe por se destruir.”

A madeira de que é feita a peça é rústica, é material de passagem – no caso das cofragens, permite enchimentos de betão ou cimento aquando da construção de um edifício ou estrutura. Depois de servir o seu propósito, é madeira que é “destruída”, empregando o termo utilizado por João Seguro. “O meu trabalho tem sempre um caráter político, apesar de as pessoas poderem não o ver”, defende. “Não é óbvio, senão seria panfletário. Mas acho que ser político é uma contingência da prática artística.”

Quando o sol é intenso e bate sobre aquela madeira, o seu amarelo ganha uma tonalidade especial. O amarelo passa a parecer cor de ouro.



Bibliotheca Acephalica,
João Seguro,
São João da Ribeira, 2016.

FREGUESIA Concelho:
S. JOÃO DA RIBEIRA
União das Freguesias
de S. João da Ribeira
e Ribeira de S. João

Localização:
Centro Social Paroquial
de S. João Batista

GPS:
Latitude 39.282529
Longitude -8.851816



Bibliotheca Acephalica, João Seguro, São João da Ribeira, 2016.

Na inauguração, foram colocados livros de cariz político. Foram tirados por causa do inverno, mas estamos a pensar repô-los agora no verão.

Ana Varela, 64 anos, vice-presidente do Centro Social Paroquial de São João Batista.

Arte Pública fundação edp

**Roteiro RIBATEJO
Projeto UNIART**

**Curadoria Arte Pública fundação edp:
João Pinharanda**

**Coordenação Arte Pública fundação edp:
Sandra Santos**

**Comunicação Arte Pública fundação edp:
Bárbara Vaz Pereira**

**Textos:
Cláudia Marques Santos**

**Fotografia:
Marta Poppe
Paulo Alexandrino**

**Conceção gráfica:
Cláudia Baeta e Paula Dona**

**Revisão de texto:
Joana Ambulate**

**Edição:
fundação edp
Lisboa, outubro de 2017**

**Impressão e acabamento:
Indústria Portuguesa
de Tipografia, Lisboa**

**Nº Depósito legal: 433142/17
ISBN: 978-972-8909-49-9**

Com o apoio:



Agradecimentos:

À Câmara Municipal de Rio Maior, na
pessoa da senhora vereadora Ana Filomena
Figueiredo.

À Junta de Freguesia da União de Fregue-
sias de Marmeleira e Assentiz, na pessoa de
Amélia Simão.

À Junta de Freguesia da União de Fregue-
sias de São João da Ribeira e Ribeira de São
João, na pessoa de Leandro Jorge.

A toda a comunidade participante nas as-
sembleias locais e a todos os que colaboraram
com os artistas.

À Priscilla Ballarin, ao João Seguro,
ao Alecrim e ao Samina pela determinação,
ousadia e arte.



“Com este programa, a fundação edp contribui para levar a comunidades rurais um maior contacto com a arte, provocando, simultaneamente, uma reflexão sobre a sua função na nossa sociedade. Tem, ainda, outro mérito: o de conciliar no mesmo programa as duas principais áreas de intervenção da fundação, onde tem um percurso reconhecido e consistente: a inovação social e a cultura. Este é um projeto que mobiliza artistas e comunidades rurais num diálogo inovador que resultará num roteiro inesperado de arte pública e num motivo de orgulho para todas as partes envolvidas.”

Miguel Coutinho

Diretor-geral e administrador executivo da fundação edp

Minho

Braga
Crespos e Pousada
Padim da Graça
Merelim (São Paio)
Panoias
e Parada de Tibães
Palmeira

Ribatejo

Rio Maior
Vila da Marmeleira
Assentiz
São João da Ribeira
Ribeira de São João

Alto Alentejo

Campo Maior
Degolados
Ouguela

Trás-os- -Montes

Alfândega da Fé
Torre de Moncorvo
Miranda do Douro
Mogadouro

Médio Tejo

Vila Nova da Barquinha
Atalaia
Praia do Ribatejo
Tancos

Algarve

Vila do Bispo
Barão de São João
Mexilhoeira Grande
Figueira
S. Bartolomeu de Messines
Alte
Alportel

